

A NECESSIDADE DO ENSINO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA¹

Autor: Ewerton Lucas de Mélo Marques² Orientador: Manassés Morais Xavier³

Universidade Federal de Campina Grande

ewertonlucas.marques@gmail.com

RESUMO: O presente artigo traz contribuições para a comunidade linguista em especial por tratar de te uma temática nova se comparado aos demais objetos dos estudos da Linguística, a oralidade. Tendo, pois, este viés da necessidade de conhecer mais essa prática e os gêneros que nela há, a escola deve cumprir seu papel social de capacitação de pessoas, afirma Antunes: “a mudança que provoca o interesse pelo novo, deve estar presente no objeto de ensino e nas técnicas utilizadas. Portanto, o objetivo é de ampliar a competência do aluno proporcionando novas linhas de pensamento referente à fala, a leitura e a linguística (ANTUNES). Conhecer a oralidade e conhecer um mundo interacional, um mundo da linguística e o viés presentes nela, a oralidade é antes de mais nada um canal que liga as pessoas pelos seus gêneros: debates, seminários, mesas redondas, pôsteres e apresentações de artigos entre outros. São inúmeros os gêneros orais. Levando para as questões da interação vemos que o desenvolvimento do ser humano ocorre por meio das relações sociais. Afirma (Vygotski) Com as afirmações presentes neste artigo veremos também quão é importante o profissional de Letras e ele deve ser valorizado, pois conforme será observado posteriormente, este profissional é muito necessário para o trabalho com os gêneros presentes na oralidade. Mas para isso ele deve trabalhar as questões sociointeracionistas com os discentes.

¹ Trabalho apresentado no GT As Práticas Discursivas do Cotidiano: Entre o Poder e a Resistência do IV Simpósio Nacional de Linguagens e gêneros Textuais, 2017.

² Graduando em Letras Língua Portuguesa – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. ewertonlucas.marques@gmail.com

³ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2014-2017). Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (2009). Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo - (2011) e Licenciado em Letras - Língua Portuguesa - (2007), ambas graduações pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor Assistente de Língua Portuguesa e Linguística da Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande.

Palavras-chave: Oralidade, Gêneros orais, Comunicação, Interação, Discurso.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo mostra a importância de conhecer a oralidade e de se trabalhar os gêneros orais em âmbito de sala de aula, apresenta-se ainda, nesta obra, posicionamentos teóricos acerca da oralidade, interação e comunicação. Ver-se também a importância destes conhecimentos para a Linguística, em especial, na oralidade e nos conhecimentos discursivos. As áreas temáticas que subsidiaram este artigo foram posicionamentos teóricos acerca da oralidade, discurso e interação. Para o desenvolvimento deste trabalho tivemos contribuições de Lino e Silva (2013) e outros. Tendo, pois, uma visão crítica da oralidade, esta obra relata alguns fragmentos da sua importância, que reflete ao pesquisador linguístico a importância de cada vez mais buscar métodos para aplicar as práticas discursivas para um preparo crítico do aluno, que brevemente será um graduando ou um trabalhador do mercado. Esta obra mostra reflexões cabíveis para a formação dos discentes como seres integrados as práticas discursivas.

Com as afirmações presentes, neste artigo, veremos também quão é importante o profissional de Letras e o quanto ele deve ser valorizado, pois conforme será observado posteriormente, este profissional é muito necessário para o trabalho com os gêneros presentes na oralidade. Mas para isso ele deve trabalhar as questões sociointeracionistas com os discentes; como as interações discursivas.

Contudo, é importante ter o conhecimento que tudo o que se refere a aquisição de novas informações sobre a oralidade deve ser explorada, os profissionais de ensino devem buscar se capacitarem a cada nova teoria ou contribuições que ela nos traz, porque todos os profissionais de ensino usam os gêneros orais para a avaliação; o seminário é o mais comum dentre eles. Por essa razão, devemos nos valer do que afirma Freire (1996, p. 139). “A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo”

1.1 Oralidade: peça fundamental no ensino de Língua Portuguesa

Ora, ora o que seria *oralidade*? Conhecer a oralidade ou não conhecer, eis a questão!

A grande maioria dos alunos do ensino brasileiro em especial do ensino médio junto com os seus professores de Língua Portuguesa (LP) vivem em uma realidade na qual pouco, ou não se estuda acerca da *oralidade*, talvez pelo preconceito que vem deste o século passado com o surgimento da Linguística como ciência em 1917, instituída pelo Estruturalista Ferdinand de Saussure. À luz dos estudos em seu livro, *Curso de Linguística Geral*. Nesta obra complexa e renomada Saussure com as suas dicotomias, trouxe a ciência ótimos objetos para estudo, contudo, o que interessa para este artigo é a dicotomia: Língua/fala ou *langue e parole*.

No âmbito educacional é supervalorizado a língua (escrita) e de um modo nítido não é levado em conta a importância e necessidade de trabalhar oralidade e os gêneros orais. Sabe-se que a oralidade é uma prática social de uso de uma língua falada a qual é baseada nas questões sociointeracionistas do cotidiano, ou seja, é impossível viver sem praticar o ato da fala. Até mesmo as pessoas que portam alguma deficiência no aparelho fonador buscam meios para a comunicação, um exemplo disto é *Stephen Hawking* um renomado físico teórico e cosmólogo britânico, um dos mais consagrados cientistas da atualidade que foi diagnosticado aos 21 anos com *esclerose lateral amiotrófica*, doença esta que compromete toda a estrutura física inclusive o aparelho fonador, ele perdeu a fala, entretanto, a ciência desenvolveu métodos artificiais para que ele consiga se comunicar através do escrito e do oral. Vemos, neste exemplo, que o oral é tão valorizado quanto o escrito.

O professor Luiz Antônio Marcuschi, à luz de seus estudos esclarece: “[...] a expressão ‘fala’, designamos as formas orais do ponto de vista do material linguístico e de sua realidade textual-discursiva.” A fala segundo Marcuschi é um texto-discursivo de tal maneira que está internalizada em cada ser humano, mesmo naqueles de baixa, ou nenhuma escolaridade, mas que através das relações sintagmáticas as quais todos falantes fazem frequentemente no ato da fala, tão natural que nem nos mesmos percebemos. Estamos frequentemente em exercício da oralidade.

Tendo conhecimento da necessidade de trabalhar com os gêneros orais, é de grande valia que os profissionais de LP trabalhem com a oralidade em destaque os professores do ensino médio, uma vez que, nível médio de educação é o último estágio para chegar ao nível superior. A universidade, por sua vez, irá promover aos graduandos debates, palestras, seminários, apresentações de artigos, mesas redondas, dentre outras atividades acadêmicas que podem causar medo e/ou insegurança aos discentes, os quais não estão aptos com estes gêneros. Até porque “a

oralidade é um objeto múltiplo à luz dos estudos linguísticos porque tem sido apreendida de olhares diferentes” (LINO; *et al* 2013. p, 23).

Embora, a oralidade seja um amplo objeto para o estudo linguístico devido a sua complexidade tem muito a ser estudado e pesquisado sobre ela. Em uma metáfora e hipótese, a oralidade que os linguistas conhecem hoje é apenas a ponta de um *iceberg*, há uma grande massa por trás daquilo que podemos enxergar, isto é, existe muitas coisas a serem estudadas.

Na Pós-Modernidade, neste novo mundo digital, atravessado pelas novas tecnologias, na qual quem reinam soberanamente são os jovens e adolescentes, que por sua vez são na maioria alunos, fazem mais uso da oralidade do que imaginam. Os *apps* de *smart phones*, *iPhones* e *tablets* como: *Messenger*, *WhatsApp*, *Skype* entre outros, antes eram valorizados apenas a escrita pela escrita, todavia, os criadores destes aplicativos perceberam que embora sejam *apps* fascinantes e práticos, faltava algo, um instrumento preciso, prático, necessário e de grande importância; um apoio oral, a oralidade estava ausente, então, estes aplicativos atualmente estão equipados com o recurso oracional com os gêneros: gravação, chamada telefônica e vídeo chamada. Os jovens estão ligados com os gêneros orais e não se dão conta disto.

Promover uma boa aula de Português, se compararmos as décadas passadas é mais complicado, pois, os discentes estão cada vez mais ligados com as tecnologias da Pós-Modernidade. Os PCN's marcam a importância de trabalhar com a oralidade em sala de aula.

“Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania”. PCN (1999, p. 67)

Conforme nos informa os Parâmetros Curriculares Nacionais é importante trabalhar com a oralidade, porém como foi afirmado anteriormente trabalhar LP com os jovens é um desafio, porque eles podem enxergar estas aulas como enfadonhas ou tediosas (caso não envolva algo relacionado com os recursos tecnológicos) por esta razão, trabalhar com as tecnologias pode ser muito interessante, e produtivo pelo motivo que os recursos tecnológicos estarem presentes no cotidiano dos jovens. Uma sugestão é trabalhar com gravações do cotidiano. Os alunos podem fazer uma pasta com material oral dos grupos de *WhatsApp* ou conversas com algum amigo e montar um material para estudo, além de ser uma atividade diferenciada é algo comum ao cotidiano deles.

Seria inclusive uma oportunidade para os professores de Língua Portuguesa ensinarem como fazer transcrições conversacionais.

A preocupação com a oralidade vai muito além da necessidade da expressão oral, há uma questão capitalista em jogo. Vivemos num sistema, em que o mercado de trabalho pode ser comparado a um funil a cada mês, a cada ano as portas de empregos vão se estreitando mais e mais. Uma das competências exigidas para a seleção de vagas de empregos é a entrevista oral através dela o entrevistador irá tirar suas conclusões a respeito do nível das competências nominal/sintagmático do candidato. O professor de LP, além de ensinar a norma culta, também é responsável por orientar os alunos a possuir habilidades sintagmáticas.

1.2 A escola e a oralidade como instrumento cultural

A forma de falar e se expressar dão de modo geral um *raio - x* acerca do sujeito nesta sociedade que cada vez mais valoriza aqueles que possuem um poder aquisitivo maior, porque em geral tem maior desenvoltura nas relações sociais, também valoriza aquelas pessoas de mais desenvoltura oral e maior poder comunicativo/enunciativo.

“No Brasil, dentre inúmeras outras estruturas, a ausência sistemática de concordância de número nos sintagmas nominais constitui um estereótipo que se correlaciona com o nível socioeconômico do falante”. (MENDONÇA; MAGALHÃES, 2012, p.67) as autoras nos dão esta noção da importância da oralidade, porquanto ela é a agente que no dia-a-dia fornece esse raio - x de como a pessoa possui, ou não cultura. É visível que a sociedade está cobrando mais e mais competências discursivas, quando vemos uma pessoa que domina a norma culta na prática da fala de modo inato enxergamos aquela pessoa como culta, ou até mesmo “nobre”. A língua falada tem este poder.

Quando alguém se dedica a estudar a oralidade como um instrumento de inserção social busca uma adaptação a este sistema social rígido, que preza as habilidades discursivas. Possenti (2001, p. 9):

“O verdadeiro problema da escola não é acertar a forma gramatical. O verdadeiro problema – que é de cidadania, de inserção – é de circulação pelos discursos. O que se poderia dizer é que esse é um problema de leitura e de escrita”.

A crítica de Possenti sobre a forma de ensino está voltada claramente para a omissão de não trabalhar os gêneros discursivos com os alunos, é inegável a necessidade de motivar, ensinar e explicar a importância de trabalhar habilidades discursivas.

“Não podemos perder de vista que lidar com o planejamento, com o desenvolvimento profissional e a formação do educador, com as relações sociais e interpessoais existentes na escola é lidar com a complexidade do humano, com a formação de um ser humano que pode ser sujeito da transformação de si e da realidade, realizando, ele mesmo, essa formação, como resultado de sua intencionalidade”. (PLACCO, 2003, p. 59)

1.3 A importância do profissional da linguística para o aprimoramento das práticas orais dos discentes.

A Pós-Modernidade trouxe a necessidade de transformar a vida de muitas pessoas em especial nas comunicações sociais, uma vez que o mundo aparenta não ser tão extenso como antes, as redes sociais ligam as pessoas ao mundo inteiro. Com a *webcam*, por exemplo, podemos nos comunicar com qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo. Por sua vez, a comunicação entre as pessoas deve ser de forma mais formal possível, o mercado exige isto, o âmbito acadêmico exige isto, nossa imagem em muitas ocasiões como: debate, palestra, mesa redonda.

Para atender as demandas exigidas pelo mercado, o profissional de LP luta cada vez mais para mediar um melhor contato dos seus alunos com a oralidade e habilidades discursiva. Gomes-Santos afirma:

“[...] quando ouvimos, por exemplo, que hoje devemos ensinar gêneros, que a gramática deve ser contextualizada ou que é preciso trabalhar a oralidade, essas afirmações não são feitas por acaso. Elas testemunham que há uma demanda de reflexão sobre o ensino-aprendizagem de gêneros pelo professor, nos mais diversos contextos socioculturais pelo Brasil afora”. (2007, p. 42)

Não é tarefa fácil para um professor trabalhar com gêneros orais, porém, é indispensável que eles trabalhem. Porquanto muitos alunos que cursam o ensino médio não desejam ingressar numa faculdade, muitos deles sonham com apenas a formação média para o mercado de trabalho, obviamente, os que pretendem ficar apenas com o ensino médio ou médio/técnico serão submetidos a exames escritos e orais, como uma entrevista para assim trabalhar. Todavia na parte de proficiência oral muitos são reprovados. A oralidade pesa muito nas entrevistas de emprego e a falta de conhecimentos e habilidades discursivas pode, por consequência, reprovar o candidato. Os linguistas Gomes-Santos e Almeida apontam a necessidade de:

“[...] aprofundamento da análise de dados gerados em práticas de ensino com base em um foco que busque tratar da interação verbal sem renunciar à discussão da dimensão didática dela constitutiva. Em outros termos, tratar-se-ia de abordar o funcionamento discursivo da interação em sala de aula escapando ao risco de dissociar análise linguística (discursiva) e reflexão didática”. (2009, p. 135)

A prática discursiva é de suma importância, não há um lugar com tantas condições para trabalhar as práticas orais/discursivas como a sala de aula, pois conforme foi visto anteriormente, o professor de Língua Portuguesa é um ícone indispensável para a formação discente. “O mestre é o centro da atividade na classe. Ele é o sol do sistema pedagógico” Tardiff e Lassard (2009, p.63).

Conforme os autores remetem a sua admiração ao professor como centro das atividades pedagógicas, é verdade. O professor de língua portuguesa está no centro da ordem linguística ele é o mediador, orientador e motivador do saber oracional. Quando o profissional de LP realiza atividades que levem a necessidade do uso da expressão oral como: mesas redondas, seminários e outras apresentações orais. Aos poucos os alunos irão interagirem entre si, e aquele “branco” (expressão comum entre os alunos em apresentações de seminário) que muitos alunos dizem ter na hora de apresentações não irá ocorrer com frequência, pois na maioria das vezes o esquecimento é devido ao nervosismo e não a falta de conhecimento.

As atividades orais provocaram uma mudança significativa em muitas áreas da vida dos discentes, deste a expressão em trabalhos escolares até a preparação para encarar uma futura faculdade. “Sem dúvida, o professor deve encontrar-se realmente com o aluno, deve dar-lhe o que tem, assim como a gente encontra o outro no Tu, oferece-se ao outro sem, no entanto, impor-se a ele, revela-se a ele estando disponível. Este tipo de encontro é a vida humana”. (MARTIN BUBER, 1929, p. 82) Esta frase poética de Buber refrigera o coração do professor como agente de transformação sociocultural.

Quando os profissionais de Língua Portuguesa trabalham a oralidade, ele mostra aos seus alunos, talvez algum ali presente (aluno) poderá ser discípulo do mestre e ingressar num curso de Letras. As habilidades que são aprendidas na escola vão além da gramática tradicional e entrem nos domínios da língua falada e os gêneros orais presentes nela, contudo, não se pode esquecer que aprimorar a prática discursiva dos alunos pode ser tão complicada quanto ensinar a escrever. Segundo Marcuschi (2001):

“Uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas de letramento e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário. Assim não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores da nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina toda a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos dela”. (2001, p.16)

Por decorrência da complexidade da Língua Portuguesa conforme podemos ver na afirmação de Marchuschi, retomo o que fora dito logo neste artigo Ensinar os gêneros orais é uma

tarefa difícil. Tento conhecimento da importância de se trabalhar com gêneros orais e discursivos é necessário conhecer ainda mais sobre a oralidade.

Trabalhar com a oralidade em sala de aula também pode ser algo interessante, uma vez que no oral a arte acontece a arte da sinestésica, movimentos corporais. A oralidade não é algo tão simples, ela tem vida:

“Quando falamos, usamos não só a voz mas também o corpo, pois fazemos gestos, maneios de cabeça, entoações que podem sinalizar uma pergunta, uma crítica, um elogio, por exemplo. Se uma amiga me pergunta se eu gostei do novo corte de cabelo dela e eu respondo: lindo. Se digo a palavra lindo com um sorriso no canto da boca ou balançando negativamente a cabeça, certamente a minha opinião não será um elogio, e sim uma crítica, uma vez que palavra e gestos funcionam juntos na construção de sentido do meu enunciado. Isso significa dizer que a fala é multimodal, visto que se realiza através de recursos verbais (a palavra lindo e recursos visuais (um sorriso no canto da boca, balançando relativamente a cabeça). Ou seja, dois modos de construção da informação foram envolvidos nesse ato de fala”. (DIONÍSIO, 2005, p 178)

Os alunos que na sua maioria são jovens vão notar que falar vai além de algo frio e pessoal, tem a ver com movimentos e energias que estão presentes no ato da fala e na comunicação face-a-face, não havendo contradição com o que foi dito antes, mas os jovens de hoje precisam sentir mais contado real, conversar com pessoalmente, à Internet é algo fantástico, mais nada se compara ao contato de pessoa para pessoa, movimentos, sorrisos, expressões faciais, as quais são expressas na hora da fala entre outras.

2. A aula de Língua Portuguesa como mobilização de saberes de gêneros discursivos

Partindo das pesquisas de profa. Dra. Williany Silva (UFCEG) acerca dos gêneros discursivos em aula podemos ter um norteamento da complexidade de se trabalhar a oralidade com os discentes, na pesquisa realizada por ela na UFCEG e sua equipe do POSLE/UFCEG e bolsistas do PIBIC 2005-2006, vemos a importância dos gêneros discursivos para a formação discente:

“Na escola, a leitura e a escrita são atividades requeridas em todas as disciplinas do ensino fundamental e médio, apesar disto, observamos que o desenvolvimento de estratégias que auxiliem esses processos é relegado apenas a disciplina de Língua portuguesa. O espaço da sala de aula é, ainda, local de produção e circulação de gêneros textuais, orais e escritos, muitas vezes, não manipulados de modo eficiente por desconhecimento de suas características formais e funções sócio comunicativas”. (Silva 2013, p.139)

Em virtude desta afirmação de Silva retomamos informações presente neste artigo, por esta razão vemos o motivo pelo qual a responsabilidade do professor de LP é, de modo nítido, maior

que dos demais de outras áreas da ciência, por esse motivo, devemos como profissionais da língua nos mantermos atualizados no que diz respeito aos gêneros discursivos e na sua função sociointeracionistas. Entretanto, como fora relatado antes, há uma espécie de preconceito com a fala, pois o próprio Saussure afirma que ela é individual e sujeita a falhas. Em consequência deste tabu temos a seguinte realidade:

“Os registros orais na descrição do idioma são desconsiderados, na escola, também como instrumento de comunicação, uma vez que o aluno é avaliado exclusivamente pelo que escreve não pelo que fala, como se a escrita fosse o único veículo de comunicação entre os homens”. (MILANEZ, 1993 p. 15).

No meio social e interacional a oralidade sempre será um instrumento preciso para as pessoas por essa razão é necessário que os gêneros discursivos sejam trabalhados com frequência nas escolas, pois as demandas da sociedade cobrarão isso dos alunos (futuros trabalhadores), retomando a afirmação de Williany Miranda “O espaço da sala de aula é, ainda, local de produção e circulação de gêneros textuais, orais e escritos, muitas vezes, não manipulados de modo eficiente por desconhecimento de suas características formais e funções sócio comunicativas”. (2013, p. 139)

A aula de Língua Portuguesa será uma ponte que ligará os discentes ao mundo da comunicação, todavia, uma comunicação metacognitiva. É preciso que os docentes conheçam as vantagens que trabalhar a oralidade pode trazer aos alunos, por esta razão Williany Silva e Glenda Meira (2013) focam-se nas didatização de saberes no seminário escolar: o papel das unidades retóricas. Neste capítulo disponível no livro que foi subsídio para este artigo vemos a importância do seminário como peça fundamental para o desenvolvimento discente, “[...] os sujeitos organizam a linguagem a partir de um quadro de elementos regulares e complexos ante a exposição de conteúdos afim de desenvolver o assunto proposto”. (Williany Silva; Glenda Meira 2013, p.77)

Geraldi (1985, p. 42) enfoca a seguinte observação em relação à metodologia de ensino:

“Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula”.

Vemos por meio destas afirmações ora de Geradi, ora de Silva e outros teóricos, a importância de aplicação da oralidade em sala de aula como instrumento de transformação social e interacional. Uma vez que o professor de Língua Portuguesa, mesmo com a interdisciplinaridade, sempre terá um peso maior, no tocante a ampliação das capacidades discursivas.

3. Considerações finais

Acredito na mudança por meio da comunicação e da motivação de saberes, por esta razão é importante o reconhecimento de que a oralidade é uma vertente que molda as pessoas em suas relações sociais, interacionais, conversacionais entre outras.

Neste mundo caótico, onde a comunicação é um meio para que haja uma melhor organização nas relações sociais. Através dos profissionais de ensino, em especial os de LP, as escolas além de proporcionar a aprendizagem aos alunos ela prepara também para as expressões em público por meio das relações sintagmáticas que realizamos em constância.

Neste sentido reforço a ideia que a escola e os seus docentes são verdadeiros instrumentos de transformação social. A oralidade é uma fonte onde nela há gêneros orais prontos a serem explorados e trabalhados com os alunos e professores.

4. Referências

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003
- ARAÚJO, Denise Lino ; SILVA, Williany Miranda (orgs.). **Oralidade em foco: Conceitos, descrição e experiências de ensino**. Campina grande: Bagagem, 2013. 246p.
- ARAÚJO, Denise Lino; RAFAEL, Edimilson Luiz; AMORIM, Karine Viana. *Estudos de oralidade: O ponto de vista na percepção do objeto e suas implicações para a formação docente*. In: ARAÚJO, Denise Lino ; SILVA, Williany Miranda (orgs.). *Oralidade em foco: Conceitos, descrição e experiências de ensino*. Campina Grande: Bagagem, 2013. 246p.
- BRASIL, *Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BUBER, M. (1929) *Educação para a comunidade*. In: _____. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 81-101.
- FIORIN, José Luiz. (org.). *Introdução a Linguística*. Disponível em: <https://sabinemendesmoura.files.wordpress.com/2012/01/introduc3a7c3a3o-c3a0lingc3bcc3adstica-vol-1e2-josc3a9-luiz-fiorin.pdf>. Acesso em 24/11/2016
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1997.

GERALDI, J. W. *Concepções de linguagem e Ensino de Português*. In: GERALDI, J. W. (org.) O texto na sala de aula. 2ª ed. Cascavel: ASSOESTE, 1985. (1ª edição:1984).

GOMES-SANTOS; ALMEIDA, P. S. *Pergunta-resposta: como o par dialógico constrói uma aula na alfabetização*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 9, n. 1, p. 133-149, 2009.

JOAQUIM, Dolz. *Os gêneros do discurso no contexto escolar: textos literários e textos informativos*. Disponível em <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/66/artigo372016-2.asp>. Acesso em 24/11/2016

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1990. pp. 98-138.

MEIRA, Glenda Hilnara Silva; SILVA, Williany Miranda. *Didatização no seminário escolar: o papel das unidades retóricas*. 77. In: ARAÚJO, Denise Lino ; SILVA, Williany Miranda (orgs.). *Oralidade em foco: Conceitos, descrição e experiências de ensino*. Campina grande: Bagagem, 2013. 246p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Ângela Paiva. *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDONÇA, Lucia; MARGALHÃES, Tânia. Artigo *O trabalho com a oralidade/variedades linguísticas no ensino de Língua Portuguesa*. In: *Linguística Aplicada das Profissões* volume 16 nº 1 - 2012

MILANEZ, V. *Pedagogia do oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português*. Campinas, SP: Sama, 1999.

PLACCO, Vera M N S. *O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola*. In: ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera M. N. S. (orgs). *O Coordenador Pedagógico e o Cotidiano da Escola*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2005. pp. 47-60.

POSSENTI, Sírio. *Existe a leitura errada?* Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 7, n. 40, p. 5-18, jul./ago. 2001.

Resolução Nº 10.2013-PPC do Curso de Letras Português-CH disponível em: www.ufcg.edu.br/~costa/resolucoes/res_16102013.pdf Acesso em 24/11/2016.

SANTOS, Raquel. *A aquisição da linguagem*. FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução a Linguística: I. objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Editora Cultrix, 1975.

SILVA, Williany Miranda. *A aula debate como fonte de mobilização de saberes*. In: ARAÚJO, Denise Lino ; SILVA, Williany Miranda (orgs.). *Oralidade em foco: Conceitos, descrição e experiências de ensino*. Campina grande: Bagagem, 2013. 246p.

TARDIFF, M. LESSARD, C. A escola como organização do trabalho docente. In: *o trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão dos interações humanas* Petrópolis, Ed.vozes, 5a 55-80.

VIGOTSKI, L. S. *Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade pré-escolar*. In: VIGOTSKI, L. S.; LÚRIA, A. R; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5 ed. São Paulo. Ícone, 2001.